



ESTADUAL DA PARAÍBA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

ANTONIO FELIPE DA SILVA JUNIOR

A MEMÓRIA EM SANTO AGOSTINHO

CAMPINA GRANDE
2014

ANTONIO FELIPE DA SILVA JUNIOR

A MEMÓRIA EM SANTO AGOSTINHO

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria Simone Marinho Nogueira.

CAMPINA GRANDE
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586m Silva Júnior, Antonio Felipe da
A memória em Santo Agostinho [manuscrito] / Antonio Felipe da Silva Junior. - 2014.
24 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira,
Departamento de Filosofia".

1. Filosofia 2. Memória 3. Conhecimento 4. Alma I. Título.
21. ed. CDD 100

ANTONIO FELIPE DA SILVA JÚNIOR

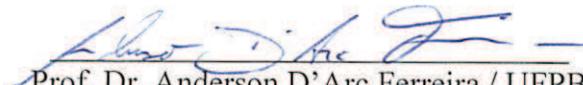
A memória em Santo Agostinho

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

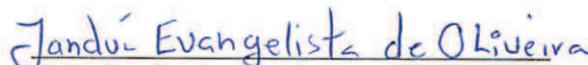
Aprovado em 09/12/2014.



Prof.^a. Dr.^a. Maria Simone Marinho Nogueira / UEPB
Orientadora



Prof. Dr. Anderson D'Arc Ferreira / UFPB
Examinador



Prof. Me. Janduí Evangelista de Oliveira / UEPB
Examinador

Aos meus pais, por toda a educação e amor que me proporcionaram, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Dr^a Maria Simone Marinho Nogueira por suas cobranças e por ter aceitado ser minha orientadora.

Aos professores da banca examinadora que tiveram a disponibilidade de ler e analisar este trabalho.

Aos professores do Curso de Licenciatura em Filosofia da UEPB por todo esse tempo de convivência e por terem ajudado na minha formação pessoal, proporcionando momentos de ensino e aprendizagem.

Aos meu pais e a minha irmã por todo o incentivo.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

“Grande é o poder da memória, Senhor;
tem algo de terrível, uma infinita e profunda
complexidade.” (S. Agostinho)

A MEMÓRIA EM SANTO AGOSTINHO

Antonio Felipe da Silva Júnior*

RESUMO

Este trabalho visa obter uma explicação do conceito de memória em Santo Agostinho. A memória é importante para o conhecimento próprio e também o conhecimento das coisas. Ela armazena tudo o que nos vem através dos sentidos. O intuito de Agostinho a todo momento é de conhecer a Deus. E compreender a memória torna-se importante nessa busca. A memória seria então o lugar onde habita todas as imagens impressas pelos sentidos, e também a atividade mental, que pode ser também chamada de atividade da alma. Na memória habitam todas as lembranças e percepções, as noções e os sentimentos da alma. A memória torna-se importante no conhecimento de si e, em consequência, no conhecimento de Deus.

Palavras-Chave: Memória. Conhecimento. Alma.

1. INTRODUÇÃO

Agostinho, nasceu em Tagaste a 13 de novembro de 354, filho de Patrício e Mônica, cristã piedosa que procurou educar o filho na cristandade. Agostinho, em sua juventude, possuía um temperamento sensual e impetuoso, que herdou do pai. Começou a estudar na aldeia na qual morava. Era desejo do pai que ele se tornasse um retórico, professor de letras e eloquência. Isso fez com que Agostinho saísse cedo de casa, mas logo retorna, a sua casa, por necessidades domésticas, mas não abandonou os estudos. Lia a Bíblia por curiosidade, mas tem dificuldade de entendê-la, por causa das más traduções existentes na época. Aos vinte anos entra para a seita dos maniqueus. Com a morte do pai, a família ficou em condições difíceis e Agostinho dedicou-se ao ensino de gramática, para suprir as necessidades financeiras, nesse mesmo tempo, a mãe chega a expulsá-lo de casa por culpa-lo de heresia e libertinagem, graças as suas aventuras noturnas. Agostinho volta para Cartago, onde abre uma escola de retórica. Em 383 embarcou para Roma e com a ajuda dos amigos maniqueus obtém uma cátedra, onde leciona de 384 a 386, nesse último ano passa por uma crise de ceticismo, por a verdade lhe parecer inacessível.

* Aluno de Graduação em Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: tonnyfelipejr@gmail.com

Com o neoplatonismo vê a necessidade de libertar-se da escravidão dos sentidos. Se encontra com o Bispo Ambrósio que o ajuda, com suas pregações, a se empenhar nessa tarefa. Em 387 Agostinho é batizado pelo bispo Ambrósio e tem agora o propósito de fundar uma comunidade religiosa em Tagaste. Nesse período em que volta para casa lhe morre a mãe, ele descreve os últimos momentos de Mônica em seu livro “Confissões”. Agostinho deixa Roma em 388 e funda a comunidade religiosa em Tagaste. Em 391 o Bispo Valério tem necessidade de um padre para lhe ajudar no ministério da pregação e Agostinho, por aclamação popular, assume esse posto. Em 395 é ordenado bispo e um ano depois sucede o bispo Valério na diocese de Hipona, em 430, morre com setenta e dois anos¹. Deixou vários escritos entre eles Confissões, que nos auxiliará no nosso estudo, onde descreve a sua vida com o intuito de confessar a Deus e aos homens os feitos de sua vida e se desprender de todas impressões de uma vida passada, para poder, livre das paixões, chegar até Deus.

Nas “Confissões” Agostinho descreve vários momentos de sua vida, mas também se empenha em descobrir como pode conhecer a Deus. No livro X das “Confissões” ele trabalha a importância da memória nessa investigação, já que a memória é a sede dos “inúmeros tesouros de imagens de todos os gêneros”². O intuito de Agostinho a todo momento é de conhecer a Deus: “Ó Deus tu me conhece faze que eu te conheça como sou por ti conhecido”³. Ele parte do princípio de que somos criados por Deus e por isso ele nos conhece, mas nós não conhecemos Deus, como podemos então conhecê-lo? E por Deus nos conhecer, por ter nos criado, nada podemos esconder dele: “Eu poderia esconder-te de mim, mas nunca esconder-me de ti”⁴. Portanto a confissão tornasse meio sem sentido, pois se já sou conhecido por Deus, por que então confessar-me? Agostinho responde que confessa-se não para tornar-se conhecido por Deus, mas para reconhecer o desgosto que tem por si mesmo, pois não é com palavras que se confessa, “mas com o grito interior da alma e com o clamor do pensamento”⁵. Mas há também em Agostinho a vontade de confessar não só a Deus, mas também aos homens, por isso a necessidade de escrever, para que possa despertar no ouvinte o amor pela misericórdia de Deus e

¹ Resumo da vida de Agostinho baseado na Introdução do livro *Confissões*, Editora Paulus, 22. ed. 2010.

² AGOSTINHO (2010), p. 274

³ *Ibid.* p. 265.

⁴ *Ibid.* p. 266.

⁵ *Ibidem.*

pela doçura de sua graça, para que tome consciência de suas próprias fraquezas⁶. Entretanto Agostinho se depara com uma fraqueza, a de não se conhecer completamente, ele diz: “Quem dentre os homens, conhece o que é do homem, senão o espírito do homem que nele está? Existe, porém, algo no homem que nem seu espírito conhece”⁷, mas só Deus, que o criou é que conhece o homem por inteiro, suas limitações e possibilidades, fraquezas e fortalezas.

Não é pelas criaturas que podemos conhecer Deus, elas, pela beleza, só refletem o poder, doçura, amor e cuidado do criador, mas não o criador em sua plenitude. As criaturas (todo o conjunto da natureza) não são o criador mas apenas uma manifestação do seu amor.

Agostinho se interroga sobre o que ama, quando ama o criador. Ele escreve:

Não uma beleza corporal ou uma graça transitória, nem o esplendor da luz, tão cara a meus olhos, nem as doces melodias de variadas cantilenas, nem o suave odor das flores, dos unguentos, dos aromas, nem o maná ou o mel, nem os membros tão suscetíveis às carícias carnis. Nada disso eu amo, quando amo o meu Deus. E contudo amo a luz, a voz, o perfume, o alimento, e o abraço, quando amo o meu Deus: a luz, a voz, o odor, o alimento, o abraço do homem interior que habita em mim, onde para a minha alma brilha uma luz que nenhum espaço contém, onde ressoa uma voz que o tempo não destrói, de onde exala um perfume que o vento não dissipa, onde se saboreia uma comida que o apetite não diminui, onde se estabelece um contato com a sociedade não desfaz. Eis o que amo quando amo o meu Deus.⁸

Podemos observar que Agostinho propõe uma distinção entre as impressões sensíveis e a sensação que estas causam na alma e ficam armazenadas em algum lugar no nosso interior.

O hiponense identifica que tem “a disposição um corpo e uma alma, o primeiro é exterior e a outra é interior”⁹ e se interroga sobre a qual deve perguntar por Deus. Ele escreve: “Através do corpo já o procurei, desde a terra até o céu, até onde pude enviar, como mensageiros, os raios do meu olhar. Mas a parte interior – a alma – é superior ao corpo”¹⁰. Portanto é através da alma que devemos procurar Deus e não através dos sentidos. A alma é quem preside e julga as respostas obtidas através dos sentidos, é a ela que “todos os mensageiros do corpo dirigiam as respostas do céu e

⁶ AGOSTINHO (2010), p. 267.

⁷ *Ibid.* p. 270

⁸ *Ibid.* p. 271

⁹ *Ibid.* p. 272

¹⁰ *Ibidem.*

da terra e de tudo o que neles existe”¹¹. O homem interior necessita do homem exterior, não se pode viver em um e não no outro, entretanto é preciso deixar que alma presida os sentidos e não que os sentidos tomem conta do homem interior. Em outras palavras é não se deixar apeteecer pelas paixões.

Com isso observamos que é preciso superar os sentidos e se colocar em um trabalho interior. É aí que Agostinho chega, como o próprio afirma, “ao campo e aos vastos palácios da memória”¹². A memória é importante para o conhecimento próprio e também o conhecimento das coisas. Ela armazena tudo o que nos vem através dos sentidos. Por isso torna-se importante compreender a memória para chegar a Deus. Agostinho investiga o que seria realmente a memória e a capacidade que ela possui. Sendo a memória importante para o conhecimento, a memorização é importante para o estudo, inclusive de si mesmo, estudar a si próprio é obter lembrança das suas ações e inquietações. Em sua investigação Agostinho percebe a organização que a memória possui e interroga quem poderia explicar essa organização e como por si só a memória se organiza. É nessa interrogação que vamos nos basear para compor esse trabalho, vamos tentar responder como se dá essa organização da memória, como o homem exterior e o homem interior contribuem para essa organização, tentaremos responder também o que é a memória e como a memória contribui no conhecimento de si e, em consequência, no conhecimento de Deus. Para tal vamos nos basear no livro X das confissões e em outros escritos de Agostinho, como também trabalhos e artigos que tratam do tema.

2. O que é a memória.

No nosso estudo buscamos identificar o que se pode dizer da memória, o que é a memória para Agostinho, como ele identifica a memória. Veremos durante este percurso que Agostinho se maravilha com a memória. É interessante percebermos como ele, ao escrever, colocava emoção nos seus escritos, como se as estivesse vivendo naquele momento de forma que o leitor pode, também, vivê-los dependendo da leitura que fizer.

Sobre a memória Agostinho escreve:

¹¹ AGOSTINHO (2010), p. 272

¹² *Ibid.* p. 274

Chegarei assim aos campos e aos vastos palácios da memória, onde se encontram os inúmeros tesouros de imagens de todos os gêneros trazidas pela percepção. Aí é também depositada toda a atividade de nossa mente, que aumenta, diminui ou transforma, de modos diversos, o que os sentidos atingiram e também tudo o que foi guardado e ainda não foi absorvido e sepultado no esquecimento.¹³

A memória seria então o lugar onde habita todas as imagens impressas pelos sentidos, e também a atividade mental, que pode ser também chamada de atividade da alma. A mente é importante para compreender a memória, ela é responsável pela atividade de imaginação.

Essas imagens e percepções, a forma como se organizam na memória é algo que impressiona Agostinho, vejamos:

A memória armazena tudo isso nos seus amplos recessos e em seus esconderijos secretos e inacessíveis, para ser reencontrado no momento oportuno. Todas entram, cada uma por sua porta, e em ordem se alojam. Não são os próprios objetos que entram, mas as suas imagens pelos sentidos, e que aí ficam à disposição do pensamento, até que este se lembre de chamá-las.¹⁴

Desse modo é que Agostinho fala que não ficam na memória as coisas, mas as imagens delas, e esse modo de organização, permite que tenhamos acesso as essas imagens de forma distinta:

Mesmo quando me encontro nas trevas e no silêncio, posso representar na memória, se quiser, as cores e distinguir o branco do preto e todas as outras cores entre si. E não sucede que as imagens recebidas pelos olhos sejam perturbadas pelos sons, estes embora presentes, estão em lugar à parte¹⁵

Agostinho trabalha a memória como um palácio, faz uma leitura colocando a memória como uma residência de imagens, onde todas se alojam cada qual em seu quarto de forma organizada. A mente possui a força de organizar essas imagens, quase como sem querer. Agostinho se pergunta de onde vem essa força de organização. É essa força que nos diferencia dos animais, pois aos animais “não foi lhes concedidos a razão, capaz de julgar as mensagens dos sentidos. Aos homens porém é dado indagar, para perceberem”¹⁶. Aos animais é dado a força dos sentidos,

¹³ AGOSTINHO (2010), p. 274

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ *Ibid.* p. 275

¹⁶ *Ibid.* p. 272

força, essa, que Agostinho visa ultrapassar para poder chegar até Deus. Em suas palavras:

Mas não é por meio desta força que chegarei ao meu Deus. Se assim fosse, também o alcançariam “o cavalo e a mula que não tem inteligência”, e cujos corpos vivem graças àquela mesma força. Mas existe outra força, que não só vivifica, mas também sensibiliza o corpo que o Senhor me deu, ordenando aos olhos, não que ouçam, mas vejam; e aos ouvidos não que vejam, mas ouçam; e assim determinou a cada um dos outros sentidos a respectiva posição e atividade.¹⁷

Para a tarefa que Agostinho se empenha, ele deve ultrapassar essa força (a sensibilidade corporal), não se deve deixar vencer pelas paixões, pois preso às paixões perde a capacidade de julgar.¹⁸ Por isso a alma é evidenciada por ele como mais importante que o corpo. A alma controlada consegue absorver o que há além do corporal e guarda na memória não só imagens, mas o que há para além da imagem. Por exemplo, quando sentimos algum cheiro que nos lembra uma comida muito boa que nossa vovó fazia, isso nos dá um sentimento de nostalgia, imbuído de alegria e/ou tristeza, depende de como esse momento lembrado, foi vivido. Portanto, a alma consegue acessar o além das coisas criadas, a alma com controle sobre a sensibilidade corporal. Isso deixa o homem à frente dos animais, quando se diz respeito à forma como a beleza da natureza, como Agostinho evidencia:

Mas essa beleza acaso não se manifesta claramente a todos os que são dotados de sentidos perfeitos? Por que não fala a todos a mesma linguagem? Os animais sejam grandes ou pequenos, a veem, mas não podem fazer-lhe perguntas. Não lhes foi concedido a razão capaz de julgar as mensagens dos sentidos. Aos homens, porém, é dado indagar para perceberem “o Deus invisível através das coisas criadas” (...) E estas só respondem aos que podem julgar-lhes as respostas: não mudam de linguagem, isto é, de aparência, se um a vê simplesmente enquanto o outro a vê e a interroga.¹⁹

Desse modo, a memória é algo sublimemente organizado, é, pois, como uma casa enorme e muito organizada, onde há abrigo para todos. Agostinho trata a memória com diversas metáforas durante o seu texto e são elas que evidenciam a forma como ele se admira da memória, como afirma Bento da Silva Santos:

¹⁷ AGOSTINHO (2010), p. 273

¹⁸ *Ibid.* p. 272

¹⁹ *Ibid.* p. 272

Estas imagens enfatizam a imensidade, a potência e sacralidade da memória, deixando entrever na mente de Agostinho uma *admiratio*. Esta nada mais é do que uma *confessio laudis*. Neste sentido, a memória representa o próprio espírito como uma fonte que transborda de modo inexaurível, oferecendo assim uma excelente proximidade com Deus em sua infinitude e potência criadora.²⁰

A memória possui algo de divino, sua forma de organização e sua potência evidenciam, para Agostinho, que o criador teve um cuidado especial com ela. Por isso que a memória tem a capacidade de guardar as coisas, ou as imagens delas. É através da memória que temos a capacidade de conhecer e ir a lugares, viajar sem sair de casa, visualizar coisas já vistas. Pela memória temos a capacidade de escolher pelo melhor gosto, de distinguir cheiros, de ver, pelo testemunho dos outros, que não devo experimentar determinada coisa, ainda não experimentada por mim, mas que sei que não irá me ser útil, devido ao que me testemunharam. É graças a essa organização da memória, de distinguir e separar o que entra pelos sentidos que: “Sem nada cheirar, distingo o perfume dos lírios do perfume das violetas, e sem nada provar, nem tocar, mas apenas de memória, prefiro o mel ao mosto cozido, o macio ao áspero”²¹.

Isso tudo se dá na memória, conforme um trabalho interior realizado pela alma. Tudo o que conhecemos podemos encontrar na memória, podemos encontrar também imagens que não sabíamos que possuíamos ou que conhecíamos ou que não imaginávamos que lá estivessem, inclusive o próprio eu. Segundo Agostinho:

Encontram-se aí, à minha disposição, céu, terra e mar, com aquilo tudo que neles colher com os sentidos, excetuando-se apenas o que esqueci. É aí que me encontro a mim mesmo, e recorro às ações que realizei, quando, onde e sob que sentimentos as pratiquei. Aí estão também todos os conhecimentos que recorro, seja por experiência própria ou pelo testemunho alheio.²²

2.1. Memória das ciências liberais

Como visto anteriormente não é apenas aquilo que é capturado pelos sentidos que fica na memória:

Encontram-se também nela as noções apreendidas pelo ensinamento das ciências liberais que ainda não esqueci. (...) E não são apenas as imagens,

²⁰ SANTOS (2002), p. 3.

²¹ AGOSTINHO (2010), p. 275.

²² *Ibidem*.

são as próprias realidades que carrego. As noções de literatura, de dialética, as diferentes espécies de problemas existentes, todos os conhecimentos que tenho a respeito também existem na memória (...).²³

Há também a memória das ciências liberais:

Dentro da memória existem conhecimentos aprendidos nas artes liberais, e tais conhecimentos são conservados em um lugar interno, mas não de modo espacial: “em um lugar mais íntimo, que na verdade não é um lugar” (interiore loco, non loco). Diferentemente das lembranças das percepções sensíveis, não são as imagens que são conservadas, mas as próprias realidades.²⁴

Podemos perceber que Agostinho evidencia que há coisas não percebidas pelos sentidos que também residem na memória, são as noções intelectuais. Essas noções são os conhecimentos adquiridos não pela experiência, mas de forma subjetiva. Não são conhecimentos advindos pelos sentidos, mas noções aprendidas no trabalho intelectual.

Das ciências liberais, e também de noções que não se descobrem pelos sentidos, não guardamos as imagens, mas a realidade desses objetos. Essa é a memória intelectual, primeira sede do conhecimento. Segundo Miranda:

A memória intelectual contém pois a realidade dos seus objectos. E, se o conhecimento é sempre um reconhecimento, a memória é a primeira sede do conhecimento. Após examinar em vão, um por um, os cinco sentidos - as "portas da carne" por onde não teriam podido entrar as noções inteligíveis - S. Agostinho conclui atribuindo à memória não já somente o papel de conter aquelas noções, em estado caótico, mas o de as ordenar, qual potência demiúrgica da alma.²⁵

Agostinho não atribui a memória somente a guarda das lembranças, das imagens e das realidades, mas a atividade de as organizar e unir. É a memória, em consonância com a alma, responsável pela organização das percepções advindas dos sentidos. Os sentidos nos dão percepções separadas e a memória tem a capacidade de os unir e formarem um conjunto harmônico.

²³ AGOSTINHO (2010), p. 276-277

²⁴ SANTOS (2002), p. 6

²⁵ MIRANDA (2001), p. 231.

2.2. A existência de ideias inatas na memória.

Vimos anteriormente que Agostinho evidencia a existência de memórias não conseguidas pelos sentidos, como já visto, são as noções intelectivas. Agostinho ao falar dessas noções escreve assim:

Ouçõ dizer que para cada coisa existem três tipos de problemas: a experiência, a natureza e os atributos. Ao ouvir isso, retenho a imagem dos sons que compõem essas palavras, e sei que tais sons atravessaram o ar ressoando e agora não mais existem. Todavia, as coisas que esse sons significam não as percebi por nenhum sentido corporal, nem em lugar algum as vi a não ser no meu espírito. Depositei na memória não as suas imagens, mas as próprias substâncias. Poderão elas ser capazes de dizer por onde passaram para entrar dentro de mim? Certamente não. Percorro todas as entradas da minha carne e não encontro uma por onde tenham podido passar. Dizem os olhos: “Se são coloridas fomos nós que as transmitimos”. Os ouvidos replicam: “Se emitiram sons, foram por nós comunicadas”. As narinas afirmam: “Se têm cheiro, foi por nós que passaram. E o sentido do gosto: “Se não há sabor, nada me perguntem”. Diz o tato: “Se não é um ser corpóreo, não pude tocar, e se não toquei, não o pude indicar”. E então, de onde e por onde entraram na minha memória? Ignoro-o, porque, quando as aprendi, não foi por testemunho de outros, mas reconhecias existentes em mim, admitindo-as como verdadeiras, e entreguei-as ao meu espírito, como quem as deposita, para depois retirá-las quando quisesse. Estavam aí, portanto, mesmo antes de as aprender, mas não estavam na minha memória. Onde estavam então? Foi assim que eu as reconheci? Ao ouvir falar delas, eu disse: “É isso mesmo, é verdade”! Não estariam já na memória, mas tão escondidas e retiradas, como que nos mais profundos recessos, de tal modo que eu não poderia talvez pensar nelas, se alguém não me advertisse para arrancá-las?²⁶

Aqui percebemos que Agostinho evidencia a existência de noções inerentes ao homem, ele evidencia a existência de ideias inatas, anteriores a qualquer experiência e que ficam como que esquecidas, mas que ao serem requisitadas logo se apresentam. O responsável por esse trabalho intelectual é o *cogitare*:

Descobrimos assim que aprender as coisas – cujas imagens não atingimos pelos sentidos, mas que contemplamos interiormente sem imagens, tais como são em si mesmas – significam duas coisas: colher pelo pensamento o que a memória já continha esparsa e desordenadamente, e obriga-lo pela reflexão a estar como que à mão, em vez de se ocultar na desordem e no abandono, de modo a se apresentar sem dificuldade à nossa reflexão. Quantas noções desse gênero contém a minha memória, noções já encontradas e, segundo a expressão usada anteriormente, como que à mão, e neste caso dizem que as aprendemos e conhecemos. Se, porém, deixamos de evocá-las, ainda que por pequeno espaço de tempo, elas de novo mergulham e se dispersam em remotos recessos. Então é preciso que o pensamento as descubra, como se fossem novas, e as extraia (pois não tem outra habitação), e novamente as reúna, para que seja possível conhecê-las,

²⁶ MIRANDA (2001), 277-278

como que juntando-as depois de dispersas. Dessa operação deriva o verbo *cogitar*, estando *cogo* para *cogito*, como *ago* está para *agito*, *facio* para *factito*. No entanto a palavra *cogito* tornou-se exclusiva do espírito, de modo que agora *cogitar* significa a ação de colher, mas somente no espírito, e não alhures.²⁷

Portanto, Agostinho chama de “cogitar” essa ação de colher com o pensamento, esse trabalho interior de suscitar no intelecto as memórias inatas. De acordo com Miranda:

A esta actividade de recolha ou de recondução da dispersão objectiva e subjectiva, actividade imanente à alma, chama S. Agostinho "cogitare". Antes do intelecto projectar a sua luz e "conhecer", é à memória, que contém potencialmente todos os objectos do conhecimento, - enquanto, como vimos, sensíveis ou inteligíveis, são sempre por ela mediados, - que compete torná-los um cosmos inteligível, isto é, "pensá-los". Na etimologia de "cogitare" como iterativo ou frequentativo de "cogere" S. Agostinho vê reflectir-se o significado originário do pensamento ("cogitare"), como este movimento de re-união e re-condução do disperso caótico ao ordenado cósmico.²⁸

Para entendermos melhor esse processo, nos convida Bento Silva Santos à recorrer à teoria agostiniana de conhecimento:

Os aspectos essenciais de tal teoria são os seguintes: Agostinho faz uma distinção entre o *conteúdo* de uma noção, ou de uma afirmação, e a sua *verdade*. O conteúdo depende de uma reflexão (*cogitatio*), e a verdade implica, ao contrário, uma referência à verdade divina. A palavra de um outro, o diálogo, o ensinamento de um mestre são apenas uma admoestação (*admonitio*) que remete sempre para o Mestre interior (Deus ou Cristo, o único capaz de comunicar a verdade). As noções adquiridas explicam-se à luz das *razões eternas*, que não são o princípio dos nossos *conceitos*, mas normas, *regulae*, que nos permitem formar *juízos* de valor e de verdade. A teoria agostiniana supõe a existência de uma relação entre o espírito humano e o espírito divino, relação que é de ordem metafísica e não da ordem de uma “visão” ou de uma “intuição”. Em diversas passagens Agostinho confirma a tese segundo a qual o espírito humano não é a *tabula rasa* de Aristóteles, mas emerge já estruturado, provido de arquétipos, de valores e leis que exercem a função de “tear”, sobre o qual se ordenam os dados concretos da experiência, e de regras, para julgar esses dados. A memória é, de certo modo, a faculdade que permite ao espírito humano encontrar-se em relação com o intelecto divino e participar nas *razões eternas*. Consequentemente, ela é a dimensão a *priori* do espírito.²⁹

O conhecimento está totalmente ligado ao cogitar, é assim que se pode ter acesso à verdade. Sem o trabalho interior de reflexão não podemos exercer o conhecimento. Nas palavras de Santos:

²⁷ MIRANDA (2001), p. 278-279

²⁸ *Ibid.* p. 232.

²⁹ SANTOS (2002), p. 7-8.

Cogitare é o ato com o qual o espírito colige de novo as recordações passadas, a fim de que as noções possam ser re-aprendidas. O termo designa uma atividade específica do espírito (*animus*) que não consiste somente em reencontrar as recordações escondidas, mas também em coligir (*conligere*) aquelas que estão presentes para, em seguida, ao “reelaborá-las”, organizá-las em “noções”, definidas com precisão. Conseqüentemente, a *cogitatio* realiza o *conteúdo* das noções que será referido às *razões eternas*, a fim de que se possa perceber as verdade das mesmas.³⁰

2.3.A memória dos números.

Agostinho continua sua investigação, referindo-se a existência dos números na memória. Para ele são todas as relações de geometria e aritmética que não são apreendidas por nenhum sentido do corpo. Ele demonstra que não está falando dos números que vemos, ou que nos ensinaram, mas a noção do número que não é conseguida através de nenhum sentido corporal, pois ela contém o número em si, a existência dele. Assevera Agostinho:

A memória contém ainda todas as relações e inumeráveis regras de aritmética e da geometria, que não foram impressas por nenhum sentido do corpo, uma vez que elas não têm cor, nem som, nem cheiro, nem gosto, nem podem ser tocadas. Ouço, de fato, os sons das palavras enunciadas, quando delas se fala, mas as palavras não são o mesmo que as coisas: as primeiras têm som diferente conforme sejam gregas ou latinas, enquanto as coisas não pertencem nem ao grego, nem ao latim, nem a outra língua. Vi linhas traçadas por artesão, delgadas como teias de aranha. Todavia, são diferentes das representações vistas com os olhos da carne; as linhas geométricas cada um as conhece, representando-as interiormente, sem pensar em nenhum objeto material. Cheguei também, através de todos os sentidos do corpo, ao conhecimento dos números. No entanto o número com que calculamos são outra coisa. Nem ao menos são a imagem dos primeiros; são porém mais reais, porque têm a existência em si.³¹

Sobre a memória dos números comenta Bento Silva Santos:

Agostinho prossegue sua reflexão sobre a memória e estabelece em X,12,19 que “as relações e as infinitas leis dos números e das medidas” não foram nela retidas através dos sentidos, porque tais idéias “não têm cor, nem som, nem cheiro, nem gosto, nem são táteis”. Em outras palavras: como as noções das matemáticas (aritmética e geometria) e as suas mútuas relações (operações de cálculo, proporções, construções de figuras) estão presentes na memória? Ao comentá-las, Agostinho distingue entre os *sons* das palavras que significam esses conhecimentos e as próprias noções, que não

³⁰ SANTOS (2002), p. 9.

³¹ AGOSTINHO (2010), p. 280.

percebidas pelos sentidos. Os *sons* não são idênticos em grego e em latim, e as *noções* não pertencem a nenhuma língua.³²

Podemos perceber que Agostinho tem a preocupação de identificar que as noções ajudam na compreensão do homem, ajuda no conhecimento de si. Pois as noções não pertencem a determinada sociedade, mas ao homem interior. Não é algo que provém do sentidos, é um trabalho interior. Reside na memória e é uma ação intelectual. Poderíamos dizer que as noções são fruto de um trabalho racional, que é feito, às vezes, praticamente, de forma involuntária, em outras ocasiões é provocado esse trabalho.

Essa compreensão de Agostinho, sobre a aritmética e geometria, nos ajuda a identificar que há uma linguagem interna que perpassa toda e qualquer linguagem corporal. Essa linguagem auxilia no estudo de si mesmo e na busca por Deus.

3. A memória no conhecimento de si.

No decorrer de sua investigação Agostinho percebe o poder da memória em guardar todas as lembranças, não só do homem exterior, mas também, do homem interior. Assim ficam guardados na memória os sentimentos da alma. A memória possui o poder de tornar presente esses sentimentos, não importa a forma que estamos no momento em que eles se apresentam. Para ele:

Essa mesma memória contém ainda os sentimentos da alma, não do modo como o espírito sente no momento em que os experimenta, mas de maneira diferente de acordo com o poder da própria memória³³.

Isso evidencia que a memória tem o poder de, com o exemplo do próprio autor, recordar momentos de tristeza, mesmo que, no momento em que recordo, me encontre feliz:

De fato, recordo-me de ter estado alegre, ainda que não o esteja neste momento, e lembro-me das minhas tristezas passadas, sem estar agora triste. Recordo-me de ter sentido às vezes medo, sem experimentá-lo agora, e me vem à mente um antigo desejo, sem que o sinta agora³⁴.

³² SANTOS (2002), p. 9-10

³³ AGOSTINHO (2010), p. 280

³⁴ *Ibid.* p. 280-281.

Esse poder leva Agostinho a comparar a memória com um estômago, ele diz que a memória é o estômago da alma, pois ela tem a capacidade de digerir os alimentos das recordações. No estômago os alimentos não possuem mais sabor, ou seja, todo alimento é o mesmo para o estômago. Na memória acontece o mesmo, os sentimentos da alma perdem o seu sabor, não são mais como que vividos no momento em que foram vividos. Eles podem ser lembrados de uma forma doce, quando, na verdade, foi vivido de forma amarga. Ele assevera:

O fato é que a memória é, por assim dizer, o estômago da alma. A alegria e a tristeza são como alimento, que ora é doce, ora é amargo. Quando tais emoções são confiadas à memória, podem ser aí despertadas como num estômago, mas perdem seu sabor. Seria ridículo querer comparar sentimentos com alimentos; no entanto não são completamente diferentes.³⁵

O outro fator que leva Agostinho a comparar a memória com um estômago é que ela tem a capacidade de ruminar, de trazer de volta ao presente algo que foi do passado. Esse processo de ruminação é que contribui para o conhecimento de si mesmo.

Ruminar, na memória, é o resgate que se faz, através da lembrança, das coisas passadas. Os ensinamentos, os testemunhos, as noções, as recordações, tudo está na memória, inclusive aquilo que sou ou que fui. Portanto, ruminar nos leva ao conhecimento daquilo que não percebemos se não pararmos para meditar. Meditação e ruminação estão assim ligadas.

Aqui entra, portanto, a importância da meditação para o conhecimento de si e, em consequência, do conhecimento de Deus. Não encontramos outro lugar onde meditar se não na memória. Mas para que isso aconteça, temos que, antes, meditar sobre a memória. É aí que Agostinho diz que a memória conhece a si mesma: “Nomeio a palavra “memória”, e reconheço o que nomeio”. E onde a reconheço, senão na própria memória?”³⁶. Logo, podemos afirmar que a memória contém a própria memória. Portanto, é dispensável meditar sobre a memória. É como a afirmação que Mariana Sérvulo, baseada no livro *A Trindade* de Agostinho, nos traz sobre a mente:

Portanto, ela (a mente) se conhece. É nela que encontra o que é conhecer. Não é outra alma que conhece como sendo conhecedora, mas ela própria. (...) Quando a mente procura, conhece-se plenamente. (...) A conclusão de que a mente se conhece inteira (totam), decorre do fato de que o

³⁵ AGOSTINHO (2010), p. 281

³⁶ *Ibid.* p. 283

conhecimento de si não implica divisão entre elemento conhecedor e elemento conhecido.³⁷

O mesmo que se diz da mente, pode se dizer da memória, ao menos neste aspecto, de que a mente se torna conhecedora de si mesma. Pois a memória, ao tentar se conhecer, já se conhece. Claro que não em sua totalidade, e talvez desconheça sua capacidade, mas sabe o que é, pois pode se recordar de si mesma e quando é evocada já se encontra lá.

4. A memória no conhecimento de Deus

O objetivo de Agostinho, desde o princípio de sua investigação, era o de chegar até Deus, descobrir onde e como poderíamos ter acesso a Ele. Agostinho após questionar os seres da natureza sobre Deus e obter a resposta de que eles não são deus, mas Deus os tinha criado, chega à conclusão de que teria que superar os sentidos e continuar seu caminho até Deus. É aí onde ele se depara com a memória. Terá, assim, que ultrapassar, também, os vastos campos da memória para continuar a busca por Deus. Mas onde encontrar Deus?

Antes de se questionar sobre onde poderíamos encontrar Deus, Agostinho se questiona sobre o esquecimento, que não poderia estar em outro lugar a não ser na memória. Quando ao esquecimento, nos diz o próprio Agostinho:

Quando falo do esquecimento, e sei aquilo que nomeio, como poderia reconhecê-lo, se dele não me lembrasse? E não falo do som da palavra em si, mas da realidade que esta significa. Se eu a tivesse esquecido, não seria certamente capaz de reconhecer o que significa esse som. Portanto, quando me lembro da memória, é a própria memória que se apresenta a mim. Quando, pelo contrário, me lembro do esquecimento, tanto a memória como o esquecimento vêm a minha presença. A primeira é o meio pelo qual recordo; a segunda é o objeto que recordo. Mas o que é o esquecimento senão a privação da memória? E como pode estar presente, para que eu o recorde, se quando está presente não posso recordar? O que recordamos está guardado na memória, e se não nos lembrássemos do esquecimento, não poderíamos nem mesmo reconhecer o que significa esta palavra ao ser pronunciada, e isso quer dizer que a memória retém o esquecimento.³⁸

Portanto, a memória retém o esquecimento, mas o esquecimento em si, pois se fosse o esquecimento não se lembraria. O que podemos dizer que fica do

³⁷ SERVULO (1995), p. 353-354

³⁸ AGOSTINHO (2010), p. 283

esquecimento na memória é sua forma, uma espécie de formato do esquecimento, eu sei o que é o esquecimento, por isso me recordo de que o esquecimento existe.

Após isso, Agostinho se pergunta sobre Deus, pois se Deus estiver fora da memória, não teríamos nenhuma ideia de sua existência. Pois fora da memória está o esquecimento: “Se te encontro fora de minha memória, é porque eu esqueço de ti. E como poderei encontrar-te, se não me lembro de ti?”³⁹

Para exemplificar essa relação esquecimento-memória, Agostinho se apoia na parábola da dracma perdida e questiona de como a mulher teria encontrado a dracma se dela não se lembrasse. Da mesma forma é com Deus. Deus não pode estar fora da memória, pois, se estivesse, não teríamos o desejo de procurá-lo. E Agostinho coloca essa procura como algo inerente ao homem, pois “quando te procuro, ó meu Deus, procuro a felicidade da vida”⁴⁰, e o que o homem procura se não a felicidade? Todos os homens procuram a felicidade, só não sabem, ao certo, onde encontrá-la. Mas Agostinho aponta o caminho, ele diz que “há uma alegria que não é conhecida aos ímpios, mas àqueles que te servem por puro amor: essa alegria és tu mesmo. E esta é a felicidade: alegrar-nos em ti, de ti e por ti.”⁴¹

Mas não podiam se alegrar se não tivessem impresso na memória alguma noção sobre felicidade. Agostinho diz que a felicidade está na verdade e a verdade é Deus. Não é uma verdade contada pelo homem, mas a verdade em sua primazia, em sua pureza. Encontrando-se com esta verdade, que está impressa no homem, ele será feliz: “portanto, ele será feliz, quando, sem obstáculos nem perturbações, puder gozar daquela única verdade fonte de tudo que é verdadeiro”⁴².

Portanto é na busca pela verdade que encontramos Deus. “Onde encontrei a verdade, aí encontrei o meu Deus, que é a própria verdade, da qual nunca mais me esqueci, desde o dia em que a conheci”⁴³. E quando conhecemos algo, para onde esse conhecimento se encaminha? Para a memória, portanto: “Desde então permaneces em minha memória, e aí eu te encontro, quando me lembro de ti e em ti me alegro”⁴⁴.

³⁹ AGOSTINHO (2010), p. 286

⁴⁰ *Ibid.* p. 288

⁴¹ *Ibid.* p. 291

⁴² *Ibid.* p. 293

⁴³ *Ibidem.*

⁴⁴ *Ibidem.*

Mas, mesmo sabendo que Deus habita na memória, ainda há uma dúvida em que lugar da memória Deus habita. Vejamos:

Onde habitas, Senhor, na minha memória? Em que recanto dela habitas? (...) Ao recordar-me de ti, ultrapassei as regiões da memória que também os animais possuem, porque aí, entre as imagens dos seres corpóreos, eu não te encontrava. Passei às regiões onde depus os sentimentos do espírito, e nem mesmo aí te encontrei. Entrei na sede da própria alma – pois o espírito também se recorda de si mesmo – e nem aí estavas. (...) É certo que nela habitas, pois recordo-me de ti desde o dia em que te conheci. E é aí que te encontro quando me lembro de ti.⁴⁵

Agostinho chega, enfim, ao lugar onde Deus habita e conclui com uma oração de agradecimento e reconhecimento, uma de suas mais belas orações, asseverando:

Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu te amei! Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora! Eu, disforme, lançava-me sobre belas formas das tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiriam se em ti não existissem. Tu me chamaste, e teu grito rompeu a minha surdez. Fulguraste e brilhaste e tua luz afugentou a minha cegueira. Espargiste tua fragrância e respirando-a, suspirei por ti. Eu te saboreei, e agora tenho sede de ti. Tu me tocaste, e agora estou ardendo no desejo de tua paz.⁴⁶

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo sobre a memória é importante para entendermos como Agostinho visualiza a memória. E essa compreensão dele tem sua importância na construção do homem e na busca por Deus.

Para concluir sua busca por Deus, Agostinho que ultrapassar os sentimentos corporais, não deixando que as paixões tomassem conta de seu ser pensante, impedindo que ele fizesse bom julgamento das coisas.

A memória é vista por Agostinho como um grande palácio de diversas moradas, portanto há lugar para muitas lembranças e experiências vividas. A memória é responsável pela organização das imagens conseguidas pelos sentidos. Vivemos as experiências e cada sentimento entra de forma organizada na memória. O *cogitare* é o colher pelo pensamento, é o processo, importante para a memória, na compreensão das coisas. É como um processo de ruminação-meditação que culmina com o

⁴⁵ AGOSTINHO (2010), p. 294

⁴⁶ *Ibid.* p. 295

conhecimento de determinada coisa. Se ruma até que se possa extrair de determinada coisa o conhecimento que ela pode oferecer. É dessa forma que Agostinho se questiona sobre a presença de Deus. Estando com o homem interior, livre das paixões, pode-se fazer um bom processo de ruminação e chegar a verdade.

Nessa busca Agostinho se depara enfim, com a maravilha de ter Deus presente em sua memória, não como lembrança de uma experiência vivida, mas por ter o anseio pela verdade e, sendo Deus a verdade, o anseio por Deus.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 22. ed. São Paulo: Paulus, 2010. 446 p. (Espiritualidade). Tradução de: Maria Luíza Jardim Amarante.

MIRANDA, José Carlos de. A memória em S. Agostinho: Memoria rerum, Memoria Sui, Memoria Dei. **Humanitas**, [Coimbra - Portugal], v. 53, p.225-247, 2001. Anual. Disponível em: <<http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/humanitas53>>. Acesso em: 14 out. 2014.

SANTOS, Bento Silva. A metafísica da memória no livro X das Confissões de Agostinho. **Veritas**: Revista Trimestral de Filosofia da PUCRS, Porto Alegre, v. 47, n. 3, p. 365-375, set. 2002.

SÉRVULO, Mariana. A ética em Agostinho a partir de duas similitudes trinitárias: A Filosofia (Física, Lógica, Ética) e a trindade do conhecimento de si (memoria, intellegentia, voluntas). **Veritas**: Revista trimestral de filosofia e ciências humanas da PUCRS, Porto Alegre, v. 159, n. 40, p.351-354, set. 1995. Trimestral.